

VOLTAIROFOBIA E VOLTAIROFILIA NA CULTURA PORTUGUESA DOS SÉCULOS XVIII E XIX: OS TEMPOS E OS MODOS

"Le debat reste donc ouvert. Depuis deux siècles qu'il dure, on nous a proposé tous les Voltaires possibles: mais lequel est le vrai, ou le plus vrai?" (1).

É difícil julgar Voltaire em bloco, porque, à partida, teríamos de determinar com rigor de que Voltaire se pretende falar, já que é impossível abarcar sumariamente o conjunto gigantesco da sua obra e a multiplicidade do seu génio. Voltaire não foi só um enciclopedista. Só ele foi uma enciclopédia. Todos os juízos críticos emitidos sobre a sua obra são, pois, necessariamente parciais.

De que Voltaire falarão os escritores portugueses que o idolatram ou o detestam? De Voltaire, poeta épico, dramático e lírico? De Voltaire, historiador, crítico, jornalista, epistológrafo, actor e **metteur en scène**? De Voltaire deísta? De Voltaire cínico, rindo-se dos valores consagrados pela História? De Voltaire, exegeta bíblico? De Voltaire avesso a academismos e mecenatos? De Voltaire, exilado político, suspeito de espionagem e de contra-espionagem? De Voltaire, libertino, cantor e sedutor de Marquesas? Do Senhor de Ferney, intermediário em negócios de trigo, industrial de telha e de relojoaria, fornecedor de fardas para o exército, especulador da Banca, desenhador de carros de combate para Catarina II da Rússia?

A obra de Voltaire é prodigiosa: 24 tragédias, 12 comédias, discursos, óperas, odes, epístolas, opúsculos, polémicas, ensaios, astronomia, física, química, filosofia, exegese, crítica literária, História, Direito penal, inigualável correspondência sobre todo o tipo de assuntos, abrangendo, sem sistematização nem especialização, todos os ramos do Saber, que na primeira edição crítica de Khel, entre 1784 e 1789, se estendiam por 70 grossos volumes.

Oráculo dos novos Filósofos, Voltaire transformou-se pela sua universalidade, desejada e reconhecida, no génio mais admirado e mais odiado dos Séculos XVIII e XIX, em França como em Portugal.

Em França, Voltaire muito cedo dividiu a **opinião reinante** e a incipiente **opinião pública**, concitando o mais entusiástico acolhimento ou a mais viva repulsa. Uma das primeiras peças com que em Paris se declarou guerra sem quartel aos seus escritos subversivos tem por título **La Voltairomanie** (2). Foi seu autor o Abbé Desfontaines, que desmascarou um panfleto anónimo, saído da pena de Voltaire, que correu com o título **Le Préservatif** (3). Era o primeiro manifesto da **Voltairomania**, que incluía a **Voltairofobia** e a **Voltairofilia**, duas

facetas de extremos culturais, que se tocavam no reconhecimento do génio, que se emancipara da tutela régia e eclesiástica, rompendo com as normas das **bienséances** do Antigo Regime. Desfontaines atacava frontalmente o engenho multimodo de Voltaire, a quem chamava “Alexandre das Letras”, dele se podendo afirmar o que Fontenelle dissera de Leibnitz:

“que de ce philosophe on aurait pu faire plusieurs philosophes et plusieurs hommes de lettres” (4).

Apesar do menosprezo a que estrangeiros e não raros portugueses e espanhóis votaram a Península Ibérica no movimento das Luzes, tomando quase sempre Voltaire como termómetro do estado cultural dos povos hispânicos, sustentamos contra os lugares-comuns que se vêm repetindo, com base em duvidosos preconceitos de superioridade e de inferioridade cultural em **áreas de influência** e **áreas influenciadas**, que a Inquisição, a qual, segundo se diz, procurou esmagar **in ovo** todos os sintomas de renovação cultural pelo figurino francês, não impediu o normal desenvolvimento da **Voltaireomania**, enquanto processo aglutinador das fortes tensões ideológicas em curso em toda a Europa. Quando o Marquês de Luchet passa em revista o estado político da França e o compara com o de outros países, ao referir-se a Espanha (na qual incluía, por certo, Portugal, dadas as semelhanças das estruturas geográficas e sociais ibéricas), esboça um quadro muito redutor, que desfigura a realidade sociológica e cultural da Península, em que o debate entre a **Voltaireofilia** e a **Voltaireofobia** se travou com o mesmo arreganho que em França:

“Alors on verra l’Espagne tremblante à la voix de l’Inquisition, livrée à ces immenses et inutiles familles qui durent leur naissance à l’ambition de la Cour de Rome, leur accroissement à la fausse piété, leur fortune à la frayeur des mourants, leur pouvoir à l’ignorance des peuples” (5).

Um estádio harmónico de Cultura é um estado de graça teológico que não existe na História. A Cultura faz-se num processo ininterrupto dum passado que resta e dum futuro que se vislumbra num presente que se digladiava nas contradições de vontades individuais e de grupos sociais com mentalidades, valores e interesses opostos. Definir a área cultural portuguesa do Século XVIII pela recepção do Enciclopedismo em geral ou da **Voltaireomania** em particular seria, pois, cair num reducionismo empobrecedor, porque a Cultura é sempre axiologicamente abrangente nos seus tempos, nos seus ritmos e nos seus modos. Ora, a área específica portuguesa em que se desenvolveu a **Voltaireomania** era um espaço geográfico complexo, com enormes tentáculos imperiais, por longa tradição integrado na ortodoxia romana. A divisão simplista

dos portugueses do tempo de D. João V e de D. José I em **Freiráticos e Jacobeus, Febronianistas e Ultramontanos, Castiços e Estrangeirados**, não corresponde ao verdadeiro diagrama do Reino. O estudo da **Voltaireomania** em Portugal, até agora praticamente inexistente, permite matizar esta problemática e rever alguns desses **clichés** históricos. Todas as Culturas são animadas por um processo de crescimento mais ou menos dinâmico conforme as sístoles e as diástoles da História, num jogo permanente de inércia e inovação, que corresponde a psiquismos individuais e colectivos primários, que nenhuma instituição repressiva consegue impedir, embora os possa recalcar. A recepção de Voltaire em Portugal foi feita nos tempos e nos modos seguindo uma trajectória muito idêntica à da **Voltaireomania** em França (não por subserviência estrita ao modelo por parte dos ditos **Afrancesados** ou **Estrangeirados**, que não eram necessariamente **Voltaireófilos**, ou melhor, só excepcionalmente o foram), porque a obra de Voltaire suscitava a reacção emotiva dos receptores, já que não se podia ser indiferente à gama de problemas levantados no domínio da crítica religiosa. Se a Inquisição gerou violências inúteis para amordaçar a evolução do pensamento, também nos países europeus sem Inquisição, mas com vários tipos de inquisições, se geraram outras violências, não sei se inúteis, de que a Saint-Barthélemy é um dos mais clamorosos testemunhos. O obscurantismo ibérico é um velho chavão que urge repensar. Senão, vejamos: é um facto que a Inquisição e a Real Mesa Censória ergueram barreiras morais e legais à difusão das obras portadoras das Luzes. Mas não é menos verdade que em França as censuras tentaram desesperadamente impedir a publicação da Enciclopédia, com os Jesuítas em grande frente comum contra ela, bem como a publicação, a circulação e a representação das obras de Voltaire. O Voltaire das primeiras obras era um autor clandestino e os seus livros saíam em edições piratas, truncadas, muitas delas feitas no Estrangeiro, para escaparem à sanha da polícia real. Se a França não fazia autos-de-fé, nem por isso o seu sistema penal em delitos de opinião religiosa e política era benigno. O Chevalier de la Barre é um caso paradigmático da intolerância religiosa, sem a mínima proporcionalidade entre o delito religioso dum adolescente e a pena capital que lhe foi aplicada. Curiosamente, foi Voltaire quem, ao tomar conhecimento de que duvidosas irreverências o levaram à forca, comentou indignado:

“Lorsque la nouvelle de sa mort fut reçue à Paris, le nonce dit publiquement qu’il n’aurait été traité ainsi à Rome, et que s’il avait avoué ses fautes à l’Inquisition d’Espagne ou du Portugal, il n’eût été condamné qu’à une pénitence de quelques années”⁽⁶⁾.

Não nos parece cientificamente correcto estabelecer um termo a **quo**

rígido para o início da **Voltaireomania** em Portugal (7). Poder-se-ia escolher o ano de 1739, em que Francisco Xavier Freire de Andrade traduziu a *Histoire de Charles XII*, êmendada segundo os reparos históricos e críticos de la Motraye (8), que o censor do Paço, o Conde Luís de Meneses elogiou tão vivamente. Parece-nos, todavia, que foi com Alexandre de Gusmão que se assistiu às primeiras manifestações palpáveis do **espírito francês** e mesmo a alguns indícios genéricos de **Voltaireianismo**. Numa carta a D. Luís da Cunha, o Secretário de D. João V, respondendo ao Embaixador português em Versailles, que tentava convencer o Rei a desempenhar o papel de árbitro no apaziguamento dos países beligerantes, o seu estilo irónico e irreverente faz pensar em marcas voltairianas, que causticam o provincianismo clerical ou o clericalismo provinciano da Corte Joanina:

“Enquanto falámos na matéria se entreteve o secretário de Estado seu irmão na mesma casa em alporcar uns craveiros; que até isto ali fazem fora de lugar e tempo próprio.

./.../ Finalmente falei a El-Rei (Seja por amor de Deus) estava perguntando ao Prior da Freguesia por quanto rendiam as esmolas das Almas, e pelas missas que se diziam por elas” (9).

Estávamos no ano de 1747, exactamente no momento em que Voltaire escreveu *Memnon, histoire orientale*, primeira versão de *Zadig*. Somos dos que discordam da atitude acrítica que pretende ver em tudo o que há de novo na Cultura Portuguesa uma declarada ou inconfessa influência estrangeira. Coincidir nunca foi plagiar. O caso de Alexandre de Gusmão, que assistiu em Paris às primeiras demonstrações da **Voltaireomania** e deve ter mantido contacto com o seu ulterior desenvolvimento, apresenta-se-nos muito específico e autoriza-nos a escolhê-lo como um marco importante da influência de Voltaire na Cultura Portuguesa. No seu soneto dedicado a “Júpiter supremo Deus do Olimpo”, que tem como fundo temático a tão controvertida questão da origem e do significado do Mal, um dos temas preferidos de Voltaire, Alexandre de Gusmão pergunta em tom provocatório, embora escudado no maravilhoso pagão:

*“Se és Deus, s’isto prevês, e assim persistes,
Ou não fazes apreço dos humanos,
Ou qual dizem não és; ou não existes” (10).*

Ele conhecia Voltaire e cita-o nas suas *Notas à crítica que o Snr. Marquês de Valença fez à tragédia do Cid, composta por Monsieur Corneille* (11). Diga-

-se, de passagem, que citar Voltaire não significa, no contexto destas *Notas*, nem no contexto sociológico e literário português, inscrever-se **ipso facto** na lista dos seus admiradores ou detractores. Em muitos casos, a citação ou epígrafe tem mero valor decorativo. Estávamos, todavia, ainda muito longe duma discussão de fundo sobre Voltaire. Só a partir da segunda metade do Século XVIII se multiplicaram as alusões à sua obra. E, logo no início, se verificou uma distinção bastante clara entre **espírito francês**, **espírito enciclopedista** e **espírito voltairiano**, passando o critério distintivo por questões de natureza teológica antes de 1789 e política, sem excluir a religiosa, depois da tomada da Bastilha. O oratoriano P. e Teodoro de Almeida, vítima do **Pombalismo**, teve de exilar-se em França e regressou a Portugal (ironia da História) aquando da **Viradeira**, em 1778, por bizarra coincidência no ano da morte de Voltaire. A sua *Recriação Filosófica*, em 10 volumes, integra-se no gosto enciclopédico em moda e ostenta um notável entusiasmo pelo Experimentalismo. Ele tinha um conhecimento em primeira mão da obra de Voltaire e admirava o espírito das Luzes, criticando, sem medo, as subtilezas da Escolástica, que serviam mais para confundir do que para esclarecer⁽¹²⁾, e alargando o objecto e o método da Física ou Filosofia natural, a que atribuía um vasto campo de observação empírica e sensualista, sabendo, não obstante, manter o perfeito equilíbrio entre a Razão e a Revelação. Assim, no tomo IX, intitulado "a harmonia da Razão e da Religião", o oratoriano pronuncia-se sobre o *Poème sur la Religion Naturelle* (1756) que, sendo um dos mais belos poemas de Voltaire, foi convertido pela Igreja em matéria de delito pela excessiva carga de deísmo que exhibia. O diálogo propunha-se rebater os argumentos dos incrédulos que reputavam a Religião incompatível com a razão, e condenar, em última instância, a Teologia Natural, que, delicadamente, esvaziava toda a Revelação. Teodoro de Almeida admirava Voltaire como artista, mas condenava-o como pretensão teólogo:

"Ora mandai-me vir o Poema de Mr. de Voltaire sobre a religião natural dedicado a El-Rei da Prússia /.../ Vós vereis, Baronesa, um discurso bem aleijado, se o virmos nu e sem ornatos; mas bem formoso, quando se vê com eles, como Voltaire o apresenta"⁽¹³⁾.

Em *O Feliz Independente*, Teodoro de Almeida prosseguiu o seu ataque muito civilizado a Voltaire, que procurava como filósofo construir uma moral abstracta, independente das religiões reveladas, que lançasse as bases duma tolerância universal. Neste romance que um retórico do tempo, Neves Pereira⁽¹⁴⁾, compara descomedidamente com a *Henriade*, fazendo equivaler cada linha de prosa a um dos versos dessa famosa epopeia, há referências directas e indirectas ao *Poème sur Le Désastre de Lisbonne* (1755) e ao *Candide*, os

quais, pela ironia dissolvente, ridicularizavam o optimismo leibnitziano divulgado por Pope. Uma das personagens-marionettes do *Feliz Independente*, o cavalheiro francês, de nome Neuville, sustenta que a fábrica do mundo é uma aberração, mas logo lhe retorque um cavalheiro inglês, que, misturando o humor britânico com o sarcasmo voltairiano, lamenta que o filósofo gaulês não tivesse estado junto do Criador no princípio do mundo para o corrigir logo à nascença ⁽¹⁵⁾. Teodoro de Almeida foi, portanto, um dos primeiros portugueses a introduzir com coerência o debate entre a **Voltaireofilia** e a **Voltaireofobia** na Cultura Portuguesa, que, ainda hoje, se mantém vivo e fecundo.

Francisco de Pina e de Melo, beneficiando dum breve pontifício que o autorizava a ler e guardar **sub clavi** todos os livros proibidos, escreveu o *Triunfo da Religião — Poema Épico-Polémico*, em que chamou a todos os que negavam a divindade “abortos da corrupta natureza”. Este polemista era um pascaliano confesso, incapaz de entender o *Micrómegas* de Voltaire e por isso exclama:

*“Inda no grão mais fino da mostarda
O microscópico prova o que não cria
A inculta, irregular Filosofia”* ⁽¹⁶⁾.

Atacando os defistas, ele não refere explicitamente o nome de Voltaire, que, aliás, conhece, como se demonstra pelas várias citações ⁽¹⁷⁾, que ornaram o seu poema de grande erudição, contribuindo só de maneira muito indirecta para a expansão da **Voltaireofobia**.

Em 1756, a **Voltaireomania** não estava ainda suficientemente desenvolvida em Portugal pelo facto da obra de Voltaire ter uma divulgação muito limitada. E, apesar disso, o Poder político e religioso estava atento. Assim, em 1768, em plena euforia pombalina, João Pereira Ramos, Frei Manuel do Cenáculo e Frei Inácio de São Caetano, ao julgarem uma pastoral de D. Miguel da Anunciação, Bispo jacobeu de Coimbra ⁽¹⁸⁾, que, sem beneplácito régio, circulou manuscrita pelas paróquias dessa diocese, opinaram que todas as obras que ela referia como nocivas estavam já proibidas pela Real Mesa Censória. O arrazoado da sentença que condenou essa pastoral acusada de **Jesuitismo** (mas cujo rigorismo era a olho nu incompatível como o laxiorismo inaciano), é precioso para se acompanhar o processo da **Voltaireomania**:

“/ ... / que se no dito Bispado se pronunciarem as palavras Voltaire, Rousseau, etc., perguntarão os mesmos Diocesanos se são minerais ou vegetais; se são viventes terrestres, ou aquáticos, porque no Bispado de Coimbra se não ouviam nunca pronunciar tais nomes” ⁽¹⁹⁾.

Os Censores ao serviço do **Pombalismo**, de algum modo, entraram depois em contradição com este alegado desconhecimento da **Voltaireomania** ao proibirem a leitura das obras de Voltaire no seu todo ou na sua parte. Em 1775, saiu a lume a *Colecção dos Editais* ⁽²⁰⁾ da Real Mesa Censória, que proibia quase todas as obras de Voltaire de serem impressas, lidas, divulgadas, no seu todo como até nos seus capítulos e mesmo parágrafos. O *Dictionnaire Philosophique*, atendendo à sua notória impiedade, foi queimado na Praça do Comércio ⁽²¹⁾. Todos os livreiros e proprietários de bibliotecas deveriam entregar no termo de sessenta dias à Real Mesa Censória exemplares em sua posse para serem destruídos, com graves cominações para os infractores. No *Catálogo de livros defesos neste Reino* ⁽²²⁾ vêm proibidas uma tradução da *Henriade* feita por Tomás de Aquino, impressa no Porto em 1789, e a primeira biografia séria de Voltaire escrita em França por Condorcet, mantendo-se vedadas à leitura todas as outras obras já anteriormente proibidas, com excepção de algumas ideologicamente inofensivas, que eram os estudos monográficos de História personalizada. Sabemos, contudo, por fontes documentais muito seguras, que não havia unanimidade de critério na Censória a propósito das obras de Voltaire. Não poderemos esquecer que os deputados pombalinos eram homens iluminados pelo sopro do espírito enciclopédico, na medida em que ele não chocasse com a ortodoxia religiosa. Insistimos em que ser **iluminado**, em França como em Portugal, não implicava que se prestasse culto a Voltaire, embora se lhe atribuisse o diadema do génio artístico, sem desculpar, entretanto, os seus desvios doutrinários e sobretudo os seus sarcasmos contundentes. Os deputados que deram pareceres em 1770 antecipam e anunciam, de modo exemplar, a história da **Voltaireomania** portuguesa. António Pereira de Figueiredo, ex-oratoriano muito conhecido em toda a Europa pela sua *Tentativa Teológica*, eivada de **Regalismo**, ao pronunciar-se sobre Voltaire, surpreende o leitor incapaz de distinguir entre **Iluminismo** e **Voltaireianismo**:

Voltaire "é péssimo, ainda quando parece bom: ele difunde o veneno, ainda quando faz orações a deus" ⁽²³⁾.

Pereira de Figueiredo deve ter sido o primeiro e dos raros portugueses do Século XVIII que leu, segundo confessa, os dezoito volumes de Voltaire na edição de Amsterdão, em cuja leitura dispendeu dois longos meses de árduo trabalho, estando, portanto, à vontade para o julgar com conhecimento de causa. Por seu turno, Frei Luís do Monte Carmelo partilhava a mesma opinião, defendendo também a proibição integral da obra de Voltaire, mas Frei Francisco de São Bento opunha-se a essa proibição global, pois entendia que as obras de Teatro e de História, não contendo ideias perigosas, deveriam circular com as devidas reservas e precauções:

"Julgo necessário que esta Real Mesa decida se devemos proibir todas as obras compostas por homens libertinos, só por este motivo, ainda que muitas das ditas obras tenham cousa digna de censura e se permitiriam se fossem compostas por outros" (24).

Esta divergência entre os Censores é essencial para se compreender que o **Voltaireianismo** e o **Enciclopedismo** não representavam duas faces da mesma medalha, porque o **Iluminismo** não era na sua origem necessariamente deísta, nem heterodoxo e, sobretudo, não cobria de sarcasmos a velha e sempre trágica questão da harmonia da Fé e da Razão.

Manuel de Figueiredo (25) poderia ter sido no domínio do Teatro um émulo de Voltaire, que conhecia muito bem e que citou diversas vezes como autoridade em teoria dramática. Horaciano e molieresco, sem fôlego artístico, este árcade foi incapaz de entender as tragédias voltairianas de propaganda filosófica e desempenhou, portanto, um papel secundário no processo da **Voltaireomania** lusa.

Peça de grande importância no referido processo foi, isso sim, a publicação, em 1775, do *Arrependimento ou Confissão Pública de Voltaire* (26). O Patriarca de Ferney morreria três anos mais tarde em estado de glória humana, verdadeiro **Rei do Teatro** (enquanto Luís XVI não passava, já nesta data, dum **rei de teatro**) e, perante a Igreja que, na hora suprema, o tentou habilmente reconverter à ortodoxia, em mais uma das suas teatrais declarações de Fé, deixou este último e ambíguo legado religioso:

"Je meurs en adorant Dieu, en aimant mes amis, en ne haïssant pas mes ennemis et en détestant la superstition".

Ora, esta obra apócrifa, publicada em Portugal sob o nome do velho Patriarca, deturpa a história e mesmo as lendas que se formaram em torno daquele ilustre octogenário, divinizado pelos seus compatriotas no fim da vida, mas que sempre vivera em guerra com o seu tempo e não tinha, por consequência, direito à paz dos cemitérios.

"A presente obra — diz o editor português —, ainda que pequena, encerra em si um precioso tesouro de Doutrina, e de Eloquência. Ela é o último parto do mais esclarecido Engenho, e talvez tão grande, como os mais esclarecidos dos Séculos precedentes. O nome de Voltaire (que assim se chama o Autor) para com aqueles que têm notícia das suas produções (os quais são certamente todos

os Doutos e Curiosos) bastaria para fazer o Elogio, mas tendo ele por título o seu arrependimento, fica ainda mais avantajado o Elogio, pois não há nada tão grande, tão magnânimo, e tão glorioso diante de Deus, e dos homens, como um pecador inveterado nas culpas, e nas iniquidades arrependido” (27).

A publicação destinava-se fundamentalmente àqueles que tendo lido subrepticamente Voltaire, se deixaram contaminar pelo vírus da heresia. É legítimo supor que este texto, que correu com a chancela da Real Mesa Censória, bem consciente da sua inautenticidade, tenha contribuído, em boa medida, para a difusão duma falsa imagem de Voltaire, porque os leitores menos prevenidos estavam geograficamente mal colocados para discernir entre o apócrifo e o autêntico.

Com a *Dissertação sobre a imortalidade da alma racional* (28), de Frei José Mayne, acelerou-se o processo da **Voltaireofobia**. Inspirado nos *Trois Siècles de Littérature*, de Sabatier de Castres, que explicitamente nomeia, o Confessor régio lembra, com muito a-propósito, que foram os franceses os primeiros a fazer um auto-de-fé do *Dictionnaire Philosophique*, a mando do Parlamento de Paris, em 1765, e só cinco anos mais tarde queimado em Lisboa. José Mayne acusa Voltaire de ser um crítico mordaz de todas as seitas, mas de pertencer ele próprio à dos Materialistas e de se inspirar nas doutrinas de Locke, que atribuía à matéria uma capacidade pensante. O seu ataque a Voltaire é, porém, muito contido, lamentando que não tenha sido possível impedir o seu veneno de entrar no Reino.

Em 1778, ao publicar o seu *Discurso sobre o uso da Crítica* (29), Bezerra de Lima introduziu na balança da **Voltaireomania** um contrapeso novo, que haveria de concorrer, de modo muito negativo, para uma recepção preconceituosa de Voltaire. Estava em causa o *Essai sur la Poésie épique*, publicado em Londres, e no qual Voltaire analisou comparativamente as grandes epopeias do Ocidente. Numa leitura desapaixonada desse ensaio, constata-se que a crítica aos *Lusíadas* lhes é manifestamente favorável. Cometeu, porém, o épico francês, alguns erros graves (que mais tarde haveria de corrigir), fazendo Camões nascer em Espanha e integrando-o como narrador-mor na viagem marítima de Vasco da Gama. Criticou igualmente alguns aspectos estruturais da epopeia lusa como a mistura do maravilhoso pagão e cristão, que vários censores portugueses já tinham anteriormente reprovado. Admirou, por outro lado, o episódio soberbo do Adamastor e considerou inaceitável, porque inverosímil, o da Ilha dos Amores. Convirá lembrar que Voltaire foi sempre muito cáustico com todos os autores estrangeiros, ingleses, espanhóis e italianos incluídos, e que o seu juízo global sobre os *Lusíadas* é muito positivo quando cotejado com os emitidos sobre as restantes epopeias. Para ele,

Camões foi grande, embora tenha sido inferior a Tasso. Bezerra de Lima e vários outros detractores de Voltaire não lhe perdoaram esta preferência pelo épico italiano, que a si mesmo se julgava inferior a Camões.

Também a lírica portuguesa do Século XVIII acusou influências do **Voltaireianismo**. Anastácio da Cunha, um dos espíritos mais **iluminados** deste período, não foi só um admirador de Voltaire, mas um poeta verdadeiramente **voltairiano**. Denunciado à Inquisição, não escondeu leituras de Hobbes, Voltaire e Rousseau. O seu poema *A Voz da Razão* só foi publicado por Inocêncio, em 1839, em pleno Liberalismo, e custou ao benemérito bibliófilo um processo "por abuso de liberdade de imprensa em matéria religiosa" ⁽³⁰⁾, tendo sido apreendidos todos os exemplares. O matemático-poeta, eivado do deísmo voltairiano, pergunta nas margens da ortodoxia:

*"Teologia inconsequente,
Que me respondes agora?
Quanto mais combino ideias
Mais teu sistema piora" ⁽³¹⁾.*

O poeta vê nos mistérios aberrações desnecessárias, defendendo um deísmo desritualizado, que salve a transcendência, sem abafar a voz analítica da razão:

*"Se da razão ousar querer,
Para analisar-lhe a essência,
A tantos absurdos chamam
Mistérios d'alta excelência" ⁽³²⁾.*

A Voz da Razão, como o *Poème sur la Loi Naturelle* ⁽³³⁾, termina com a humilde confissão de que não foi a falta de fé que ditou aquele poema, mas a vontade de conciliar as antinomias geradas no seu espírito, suplicando ao céu o **ilumine** sobre esse conflito íntimo entre a Razão e a Revelação. Este poema é, quanto a nós, no Século XVIII português, o único genuinamente **voltairiano**. O facto de ter corrido manuscrito e clandestino não impediu que surgisse um outro poeta apostado em rebater o seu deísmo, atingindo o filósofo de Ferney por ricochete:

*"Consulta Voltaire e Pope
Atenta nos seus discursos;
Verás que se contradizem
Nos seus fingidos recursos.*

/.../

*Nas suas demonstrações
Voltaire, com Pope, se ilude;
E não fazem diferença
Entre o vício e a virtude” (34).*

Esta polémica marca um dos momentos fulcrais do debate da **Voltaireofilia** e da **Voltaireofobia**, ao nível filosófico e religioso, já no Século XVIII em que foi escrita, já no Século XIX em que foi publicada, porque formulava, de modo bem original, as grandes questões do **Enciclopedismo** e do **Voltaireianismo** em efervescência.

Se da França chegavam os ecos mais ou menos esbatidos do **Voltaireianismo**, também de lá vinham os apelos desesperados duma apologética tridentina na luta contra o deísmo vago e incompatível com a natureza religiosa do homem, carecido de ritos que exercitem os mitos. As *Cartas de uma mãe a seu filho* (35) são uma tradução do francês, sem nome de autor e de tradutor, destinadas a provar a verdade insofismável da Religião cristã, contra o **Enciclopedismo** e o **Voltaireianismo**, na mais esclerosada pedagogia da Fé.

Filinto Elísio, uma das vítimas da Inquisição, foi porta-voz de Voltaire na luta inclemente e incessante contra o Santo Ofício, a cujas garras afiadas conseguiu escapar. E esta luta comum originou alguns equívocos, de que se fazem eco quase todas as análises do **Filintismo**, ao apresentarem Francisco Manuel do Nascimento como um **Voltaireiano** ferrenho. Nada de mais inexacto. Ele não foi **Voltaireiano** nem nas suas ideias nem no seu estilo e, se admirava e reconhecia uma grande autoridade a Voltaire em termos estéticos, nunca o seguiu no racionalismo desmedido nem no sarcasmo demolidor. Na sua *Carta* a José Bonifácio de Andrade, insurge-se ostensivamente contra os excessos do racionalismo que esvaziava o imaginário colectivo:

*“Em quanto nossos pais, nossos Avós
Encostados na fé do Padre Cura,
Criam Fadas, Duendes, criam Bruxas,
Que felices que foram! Que sossego
Lhe adormentava então o entendimento! —
Não lhe davam tormento as barafundas
Desse fiscal Esp'rito, que aforoa,
Que examina hoje tudo, e que amplos gostos
De enfeitadas quimeras afugenta” (36).*

Filinto traduziu, é certo, a *Ode sur le Fanatisme* e *Zadig* (37), como traduzira muitas outras obras inócuas do ponto de vista doutrinário; esconjurou os Bonzos e os Naires; lutou até à morte contra a hidra inquisitorial; nutriu

inegável entusiasmo por Voltaire, mas não foi um **Voltaireiano** no sentido mais pleno que o conceito implica. Reconhecemos, entretanto, que a sua obra e o prémio com que o Duque de Palmela distinguiu a sua tradução da *Ode sur le Fanatisme* exerceram papel relevante na expansão da **Voltaireofilia** em Portugal.

Mas, não foi só através de obras genuínas impressas que correu o pensamento de Voltaire. Circulavam em toda a Europa textos apócrifos que lhe eram imputados. Os seus detractores não hesitavam em adoptar as armas de que Arouet se servira, multiplicando os pseudónimos para fazer passar a sua mensagem. Revelamos aqui um inédito da B. P. M. do Porto, que tem por título **O Divórcio**. É um pequeno manuscrito do Século XVIII, assinado Voltaire, e diz assim:

*“Num contrato vender precipitado
Seu claro nome, e seu melhor estado,
A feliz, e jucunda Liberdade,
De um Senhor à despótica vontade,
À força da tristeza defecando
À mesa sem prazer sempre altercando;
Um do outro, fugindo todo o dia
De noite sem amor, sem alegria
Gemendo no tormento mais profundo
Um tal hímen é inferno neste mundo.*

VOLTAIRE” (38).

Embora com circulação muito limitada, estes textos são peças estimáveis para aquilatar da **Voltaireofobia** portuguesa, que não olhava a métodos para degradar a imagem dum Voltaire libertino.

Uma das obras que mais polémica suscitou no Século XVIII e cujo original manuscrito incompleto compulsámos na já mencionada Biblioteca, apresenta o título *O Filósofo Solitário*. Foi publicado em 3 volumes no ano de 1787 (39), sem nome do autor. Também anónimos foram publicados vários panfletos motejando contra esta obra apresentada como fruto da reflexão original dum autor português, mas que não passa duma versão estropiada da *Philosophie de la Nature*, de Deslile de Sales (40), publicada em 1769. A Real Mesa deixara correr a obra, porque ela propunha-se combater o indiferentismo religioso latente no *Dictionnaire Philosophique* e no *Philosophe ignorant*, de Voltaire. Nela sustentava o autor francês que o indiferentismo em matéria de ciências é o primeiro passo para o progresso, mas que em matéria de moral é uma epidemia incurável.

Verificámos, em síntese, um diálogo muito vivo com o pensamento

voltairiano numa larga franja da Cultura lusa anterior a 1789. E, depois desse tufão revolucionário que varreu a França e soprou violento em todo o mundo atlântico, ameaçando tronos e altares, o **Filosofismo** e a subsequente desmoralização por ele provocada, passaram a ser responsabilizados pelo evento da **Revolução de França** ⁽⁴¹⁾. Ora, 89 foi a Revolução que Voltaire previu, mas nunca desejou. Ele foi o menos revolucionário dos Enciclopedistas e não legou ao seu tempo nenhuma obra política sistematizada como Montesquieu, Rousseau e Mably. A política voltairiana é muito imprecisa, resumindo-se à idealização duma sociedade de bem-estar, tolerante, servida por uma cultura requintada. Voltaire nunca definiu coerentemente os meios teórico-práticos de a realizar. Para ele, o Despotismo que conduz ao Progresso dos povos é um caminho, embora invio, de Liberdade.

Para se poder acompanhar com rigor o decurso da **Voltairomania** em Portugal no período pós-revolucionário, terá de fazer-se uma distinção prévia e muito nítida entre **espírito voltairiano** e **espírito revolucionário**. Ser adepto do **Francesismo** e ser **voltairiano** não equivalia minimamente a ser **Revolucionário**, embora, às vezes, por confusão, os conceitos se recobrissem. Quando se fala do cordão sanitário estabelecido por Flórida Blanca e Pina Manique para impedir que a Península hispânica fosse contagiada com o vírus filosófico e revolucionário não era o **espírito francês** que era visado, mas o **espírito voltairiano**, que teria estado na génese da Revolução. O perigo da confusão entre **Voltairianismo** e **Revolução**, de que o processo inquisitorial de Pablo de Olavida ⁽⁴²⁾ é um exemplo gritante, está bem patente na actividade policial de Pina Manique junto de exilados franceses, mesmo eclesiásticos. Ele tomava facilmente a nuvem por Juno, e via em alguns leitores de Voltaire, visceralmente anti-revolucionários, perigosos jacobinos homiziados em Portugal.

Um dos elos mais importantes desta permanência de Voltaire na Cultura portuguesa foi a publicação póstuma das *Obras Poéticas*, de Francisco Dias Gomes. A sua Elegia X ⁽⁴³⁾, escrita por volta de 1778, “na morte de Mr. de Voltaire”, é um poema composto de 133 tercetos que, no seu conjunto, constituem a única bio-bibliografia rimada de Voltaire, já em França, já em Portugal. Com 78 longas notas de grande aparato crítico, o poeta explicita o sentido dos versos a leitores menos iniciados nas obras de Voltaire, cotando-se como o maior **Voltairófilo** luso deste Século.

E, se do Voltaire lido no original francês, passarmos ao Voltaire vertido em português, o levantamento das traduções já efectuado por Coimbra Martins ⁽⁴⁴⁾, embora incompleto, permite, mediante a análise dos seus prefácios moralizantes e pela censura de passagens controversas, esclarecer, no tempo e nos modos, como se desenvolveu, sem interrupções, a **Voltairomania**. Constatamos que foram vertidas no idioma português quase todas as obras de Teatro, de História, de Épica, excluindo os poemas ideologicamente mais

chocantes, os textos de exegese bíblica heterodoxa, os textos de filosofia dicionarizada, os opúsculos circunstanciais e apelativos de natureza filantrópica, que seriam liminarmente recusados pelos Qualificadores. O período napoleónico, apesar da animosidade lusa que criou, não introduziu grandes alterações nesta luta sem tréguas entre a **Voltaireofilia** e a **Voltaireofobia**. A teoria da Contra-Revolução ⁽⁴⁵⁾ tinha sido elaborada não por portugueses ou espanhóis, mas sobretudo por franceses, como Sénac de Meilhan, Conde de Ferrand, pelos Abbés Duvoisin e Barruel, por Joseph de Maïstre e mesmo pelo mais tarde liberal, mas sempre ferozmente anti-voltairiano, que foi Lamennais. Barruel deu o lamiré a José Agostinho de Macedo, o qual, sem imaginação, passou a vida a repetir o *Abrégé des Mémoires pour servir à l'Histoire du Jacobinisme* ⁽⁴⁶⁾, que via na Revolução Francesa um **complot** dos sofistas da impiedade, os filósofos, que, em terrível conluio com os **Francs-maçons**, engendraram os Jacobinos. José Agostinho de Macedo vislumbrou claramente a universalidade de Voltaire e quis imitá-lo no cultivo de todos os géneros, mas, colocando-se no extremo oposto ao de Francisco Dias Gomes, esgotou o dicionário do insulto contra os **Enciclopedistas** e contra aquele que, por antonomásia, os representava: Voltaire. As imprecações contra o Patriarca de Ferney proliferam em quase todos os seus livros e em quase todas as suas páginas:

*“E tu verbosíssimo charlatão de Ferney escreverias
99 volumes acabando-te o cento o teu camarada Condorcet com um voluminho da tua vida”* ⁽⁴⁷⁾.

Macedo alude ao “jumental entusiasmo de uma parte da geração presente” ⁽⁴⁸⁾ por Voltaire, reconhece no seu costumado tom hiperbólico que o **volteranismo** (é ele o primeiro escritor português a empregar este termo), “cujos confrades são mais vastos no Tejo, que cabelos em cão” ^(48 bis), o converteu num mito com uma força atlântica, profetizando que o tempo acabaria por desapeá-lo do lugar em que o seu orgulho satânico o tinha colocado.

O racionalismo excessivo dos filósofos das **Luzes** levava-os a uma hostilidade declarada às instituições monásticas. Voltaire era também responsável por essa vaga de fundo contra a vida conventual, embora no seu *Essai sur l'Histoire Générale* tenha declarado o seu grande apreço pelos Frades, principais agentes da transmissão escrita da Cultura do Ocidente. Foi neste contexto que o chamado Doutor Conimbricense deu à estampa o seu livro *Os Frades julgados no tribunal da Razão* ⁽⁴⁹⁾ que, na sequência da campanha de laicização jacobina que, primeiro, espoliou as Ordens religiosas e as extinguiu de seguida, em nome dum libertarismo de consciência que os vapores capitosos da Revolução exacerbaram, procurava apologeticamente

defender a sua insubstituibilidade, enquanto freios morais da sociedade e símbolos da mais elevada perfectibilidade teológica.

Em 1817, nas vésperas das lutas fratricidas entre um Absolutismo já retrógrado e um Liberalismo eivado dos princípios de 89, veio a lume, em Lisboa, o *Prontuário de Teologia Moral*⁽⁵⁰⁾, de Francisco Larraga, traduzido do castelhano e publicado na impressão régia, que fornecia mais um antídoto contra o **Filosofismo** francês disseminado na Península.

D. Francisco Alexandre Lobo, defensor da Inquisição e inimigo ferrenho do Liberalismo, escreveu, em 1823, um artigo, que, ironia da crítica, intitulou *Voltaire julgado imparcialmente*⁽⁵¹⁾. Nele afirma que não lera toda a obra deste Autor famoso, mas que conhecia dela o suficiente em prosa e em verso para pronunciar um juízo isento, começando por admitir a sua universalidade:

“Um homem de letras, que no género Trágico tocou o primeiro grau, e ainda na Poesia ligeira; que mereceu na História certo louvor; e que em Filosofia teve por vezes exactas ideias; mas também procedeu o poeta obscuro, o Historiador satírico e pelo menos temerário, o pseudo-filósofo propagador da irreligião e anarquia, cobertas com um véu que dissimulava pouco e incitava muito”⁽⁵²⁾.

Particularmente interessante é a futuração que ele faz quanto ao desenvolvimento ulterior do **Voltaireianismo**:

“A real valia, e os mesmos vícios deram, no tempo um curso incrível aos seus escritos; e lho prometem pouco diferente no futuro. Influuiu em regra disso, no seu século, ao ponto que se pode olhar como aquele que na procela movida em mil setecentos e oitenta e tantos, teve a parte principal. E pela mesma razão é de crer que influirá no futuro”⁽⁵³⁾.

Descobrimo que há um labéu na universalidade de Voltaire, que só não foi orador, compara-o com Cícero, e remata desajuizadamente o seu juízo:

“Ainda bem que nasceu e medrou Cícero! Ainda mal que nasceu e escreveu Voltaire”⁽⁵⁴⁾.

Foi-se a imparcialidade prometida e ficou o testemunho da **Voltaireofobia** mal disfarçada deste bispo miguelista de Viseu.

Outro Bispo, escondido sob o pseudónimo de *Defensor da religião em*

Disputa com os Incrédulos, prosseguiu a luta contra Voltaire. É, sobretudo, na quinta **Disputa**, subtitulada “antídoto contra a incredulidade — Mofadores da religião” que ele desencadeia um ataque virulento aos “libérculos”, que mofam da Religião católica:

“Apesar da nossa corrupção de costumes por sistema, lemos essas infames brochuras sempre com nojo, e horror. Somente a bêbados, e homens sem pejo, e sem vergonha poderão agradar. Por tal motivo eu desejaria a Inquisição em vigor para queimar estes monstros, que assim blasfemam de Deus” (55).

Na sua opinião, Voltaire é o responsável por todos esses sarcasmos. Chama-lhe, pois, “ímpio Voltaire”, “famoso charlatão”, “ídolo dos Incrédulos”, “homem sem carácter”, e, quando a boca lhe foge para a verdade, “grande Voltaire”. A hostilidade ao pensamento voltairiano cresceu em Portugal no período das lutas liberais e as censuras religiosas actuaram para preservar os portugueses das influências deletérias geneticamente associadas à Revolução Francesa. Não é sem grande surpresa que, ao consultarmos o *Bibliothecae Congregationis Oratorii Bracharensi Index Alphabeticus notis historicis atque criticis illustratus*, elaborado em 1809, mas que regista entradas bibliográficas até 1826, verificámos que esta Biblioteca importante duma Congregação, que liderara a difusão do Iluminismo cristão em Portugal, no nome **Marie François Arouet de Voltaire** apenas possuía a *História de Carlos XII, Rei da Suécia*, a *História do Império da Rússia no tempo de Pedro o Grande* e a *Henriade* (56). Portanto, duas obras de História doutrinalmente inofensivas quando comparadas com o *Essai sur les Moeurs*, ainda por cima corrigidas e censuradas, e uma epopeia na edição de Amsterdão. E mesmo assim, o Bibliotecário Congregado, P.e José Correia, sentiu-se na obrigação de prevenir eventuais leitores incautos, escrevendo em nota de rodapé este comentário, até agora inédito e de grande alcance nesta confrontação da **Voltairofobia** e da **Voltairofilia** em Portugal:

“Deixou escritas inumeráveis Obras Poéticas, Históricas, de Literatura etc. A Lição de muitas delas é perigosa: ataca a religião, metendo tudo a ridículo, os Sacerdotes, as funções sagradas, os Mistérios, os Concílios, as suas decisões, os costumes dos Patriarcas, as visões dos Profetas, a Física de Moisés, as histórias, o estilo e as expressões da Escritura: não só ataca o Cristianismo, mas destrói todos os fundamentos da Moral / ... /” (56).

O Bibliotecário destaca ainda alguns erros fundamentais da sua Filosofia da História, mas vê na *Henriade*:

“Um Poema Épico cheio de infinitas belezas, e também de inúmeros defeitos” (57).

O racionalismo voltairiano não se harmonizava com a nova sensibilidade romântica francesa e portuguesa. Dos Enciclopedistas, para Herculano, só Rousseau, mas não o do *Contrat Social*, antes o das *Confessions* e o das *Rêveries d'un promeneur solitaire*, lhe parecia assimilável pela nova estética em marcha. Ele empenhara-se em harmonizar o Liberalismo com o Cristianismo e considerava os filósofos das Luzes compiladores cerebrais, incapazes de sentir a beleza do imaginário medieval, não aceitando que tivessem querido substituir a religião pela filosofia. Anti-voltairiano convicto, mas educado, Herculano não hesitou em tomar parte na velha querela dos *Lusíadas*, não contando a *Henriade* entre os cinco mais famosos poemas da Europa (58). Convirá, no entanto, salientar que o romântico da lamennaisiana *Voz do Profeta* foi o desmistificador do Milagre de Ourique, que fez com que muitos elementos do Clero o tratassem de hereje, integrando o seu criticismo histórico no **Voltairianismo** disperso, mas omnipresente.

O Romantismo português, como o francês, não conseguiu desembaraçar-se de Voltaire. Se o fazia sair pela porta, ele entrava pela janela. Victor Hugo explica:

“Voltaire, si grand au XVIII.e siècle, est encore plus grand au XIX.e / ... / Voltaire a perdu de sa gloire le faux et gagné le vrai / ... / Voltaire a diminué comme poète, a monté comme apôtre. Il fait du bien plutôt que du beau” (59).

Os românticos portugueses formados por Lamartine e Musset conheciam de cor o famoso poema anti-voltairiano **Rolla**, à primeira vista grandemente responsável pela **Voltairofobia** romântica francesa:

*“Dors-tu content, Voltaire, et ton hideux sourire
Voltige-t-il encore sur tes os décharnés?
Ton siècle était, dit-on, trop jeune pour te lire;
Le nôtre doit te plaire, et tes hommes sont nés”* (60).

Nos *Ensaio de Crítica e Literatura* (61) e nas *Memórias de Literatura Contemporânea* (62), Lopes de Mendonça responsabiliza a Inquisição e a Igreja pelo obscurantismo da sociedade portuguesa que o **Pombalismo** com as suas múltiplas contradições históricas não foi capaz de debelar, mas

denuncia também o demónio da análise voltairiana incompatível com a sua admiração romântica por Chateaubriand e Lamartine, preconizando que a poesia (a expressão é sua) se aproximasse das inspirações do coração ⁽⁶³⁾. Voltaire deixou, deste modo, de ser inspirador de poetas e de dramaturgos, passando a ser tomado como mero ponto de referência cultural obrigatória, continuando a dividir, como no século XVIII, os Românticos portugueses na sua aversão ou na sua adesão entusiástica, já que o **Voltairianismo**, pela sua natureza intrínseca, não permitia que se lhe fosse indiferente.

Andrade Ferreira, em *Os Filósofos da Época e a Poesia do Cristianismo*, em plena euforia setembrista, vaticina o fim do **espírito voltairiano**, reduzindo-o vespamente:

"Nos tempos de Voltaire o ser filósofo entrou em moda. Era o que nós diríamos hoje ser elegante. Dois ou três tiros epigramáticos disparados contra a Religião, e algumas sátiras feitas às cousas mais sérias da vida, contituíam e anunciavam o filósofo voltairiano" ⁽⁶⁴⁾.

Andrade Ferreira sublinha ainda que se a Enciclopédia estava já sepultada no pó das bibliotecas, a impressão moral legada pelo **Enciclopedismo** se mantinha muito viva nos espíritos, e condena o materialismo positivista eivado de racionalismo sarcástico

"que desata em sorrisos ímpios no Cândido de Voltaire" ⁽⁶⁵⁾, a quem dá o epíteto de "Moisés da incredulidade".

Se auscultarmos os Sermões publicados (já que não podemos falar da maior parte deles por nunca terem conhecido as honras do prelo), constatamos que são setas desferidas contra o **Voltairianismo**, frequentemente confundido com o **Demonismo** e o **Satanismo**. O nome de Voltaire é tantas vezes citado quantas omitido, para dar cumprimento à regra do púlpito de que os inimigos da Igreja não deviam sequer ser mencionados pelo orador, porque poderiam, por tabela, atrair leitores e desviar ouvintes.

Em 19 de Junho de 1856, procedeu-se (a reposição da justiça nunca é póstuma) à trasladação dos ossos de Filinto Elísio. Pregou o lente catedrático de Teologia da Universidade de Coimbra na cerimónia encomendada pela Câmara de Lisboa. O assunto não era pacífico, porque implicaria um severo julgamento da Inquisição responsável pelo exílio do poeta, motivado pelas suas evidentes simpatias enciclopedistas. O orador tentou habilmente evitar o escolho:

"Grande Deus! eu não prostituirei este local. Esquecerei o homem; e só falarei do talento" (66).

E da obra talentosa de Filinto, o orador pouco disse, confirmando as suspeitas da Inquisição, de que o poeta era admirador de Rousseau e de Voltaire, desculpando-o daquela alucinação, porque no tempo em que viveu,

"ainda não se conhecia a Síntese transcendente do fim do século passado e do nosso, que se riu dos sonhos do primeiro e que desprezou a superficialidade do segundo" (67).

Pregando 14 anos mais tarde na Real Capela da Universidade de Coimbra, de novo esconjurou o **Filosofismo**, que, segundo ele, visava abolir a ideia de Deus na razão e no pensamento (68).

Por sua vez, em 1872, o Prior de Belas, com os pesadelos da Comuna de Paris a incendiar-lhe a eloquência, arremeteu contra Voltaire:

"tende bem presente os desastres da França; é um castigo do céu. Ela abandona o Papa. Ela entrega Roma aos seus inimigos. Ela renega a Cristo, levantando uma estátua a Voltaire! A Voltaire, o inimigo pessoal de Jesus, o corifeu da impiedade" (69).

Já passara quase um século sobre a morte de Voltaire, mas não se extinguiu a **Voltaireomania**. E dela é testemunha de abonação *A mais imparcial e mais exacta Biografia de Voltaire*, de José Gonçalves da Cruz Viva, publicada em 1862, que constitui uma boa síntese da **Voltaireofilia** e da **Voltaireofobia** na Cultura Portuguesa. Embora nada tenha de original, pois o biógrafo eclesiástico até hesita em chamar-lhe "tradução", é um bom fiel de balança das leituras diacrónicas de Voltaire, quer em França, quer em Portugal:

"Era urgente sabermos com verdade e com certeza quem era este cosmopolita, este homem universal de quem tanto se tem falado, de quem tanto se tem escrito bem e mal e contra quem tantas vezes se tem declamado, muitas vezes com menos exactidão, com menos verdade, e com menos conhecimento de causa e de factos, e quase sempre com paixão, com delírio ou pró ou contra" / ... / (70).

Cruz Viva reconhece que toda a Europa se regia pelo seu ideário político, embora tivesse já recusado o seu ideário religioso. Ele tenta dissociar Voltaire

do **Voltaireianismo**, e admirando aquele pela sua luta empenhada em prol da cidadania, recusa as suas diatribes e os seus sarcasmos anti-religiosos, porque os julga caducos, mantendo-se intransigentemente dentro da mais romana ortodoxia, chegando ao cúmulo de fazer uma declaração solene em que condena todos os pontos da doutrina voltairiana que não sejam compatíveis com a religião católica, sem deixar, entretanto, de protestar, como Voltaire, contra todos os tipos de fanatismo e superstição, que reputava de inferioridade cultural incompatível com o novo clarão das Luzes.

Em *A defesa do Racionalismo e Análise da Fé* (71), Amorim Viana prolonga a discussão do conflito entre a Razão e a Revelação, que esteve na génese do **Voltaireianismo**, cita *Micromégas*, “esse parto talentoso de Voltaire” (72), louvando o sensualismo que lhe permitia descobrir o diverso naquilo que era aparentemente uno, declarando também enfaticamente que acreditava na perpetuidade da missão da Igreja e na sua inspiração divina, desde que ela não impedisse o livre exercício da crítica.

O bosquejo da **Voltaireomania**, enquanto processo de clivagem cultural, terá de ser feito não só em obras de recorte estético e literário destinadas às elites alfabetizadas, mas também em livros de piedade que, pela leitura colectiva, atingiam grandes camadas de ouvintes. Assim, pouco tempo depois da **Geração de 70** ter visto fechadas as portas do Casino pela polícia do Marquês de Ávila e Bolama alérgica às suas **Conferências Democráticas**, era publicada, no Porto, a décima edição “melhorada” da *Missão Abreviada para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos das Missões* (73), que, se dermos crédito ao seu autor, atingia nessa data os oitenta mil exemplares. Lido em voz alta nas igrejas ou em família, potenciava o número de ouvintes, pelo que deve ser considerada como um **best-seller**, ao lado do qual a tiragem das *Odes Modernas*, de Antero, é insignificante. Retoricamente montado sobre a aliteração “temei e tremel”, esse livro de piedade terrífica dedica um capítulo aos mofadores da religião, em que se insurge contra os maus livros que blasfemam contra as coisas santas, incitando os Confessores a perguntar por eles no acto da penitência, a recolhê-los e a queimá-los de imediato (74). Voltaire, o mofador, estava em ponto de mira.

A **Voltaireomania** manifesta-se, por conseguinte, nos mais diversos extractos sociais, numa luta permanente entre a teocracia e a laicização.

O Centenário da morte de Voltaire serviu em larga medida para reacender o fogo da **Voltaireomania** em Portugal, como, aliás, no resto da Europa. Os grandes jornalistas da época agarraram a efeméride. Pinheiro Chagas discordava que o **Republicanismo**, em grande gestação europeia, fizesse de Voltaire uma criatura sua, monopolizando-o para a sua causa (75), e apercebeu-se da bipolarização cultural e política em torno dum homem e dum mito. Acentua a importância do seu “diabólico sarcasmo” que desfez teocracias e abriu clareiras de liberdade nas consciências mais sensíveis. É, porém, de

opinião que Voltaire poderia ter atacado a superstição, salvaguardando o que de mais sublime existe nas religiões. Para ele, Voltaire é pertença da humanidade, porque todas as grandes conquistas morais dos tempos modernos são devedoras da sua palavra civilizadora.

Teófilo Braga foi o primeiro a empregar com sistematização o termo **Voltaireianismo** e a apresentar dele uma definição funcional:

“Voltaireianismo significou por muito tempo a acção de uma crítica negativa, de um cepticismo racional, de um bom senso de inteligência saudável, de uma incredulidade sistemática contra as superstições exploradas pelo clero, finalmente era a expressão de um sorriso malicioso, que emancipou mais consciências do que muitas demonstrações enciclopedistas” (76).

Teófilo Braga integrou o **Voltaireianismo** no contexto histórico-político-religioso das Luzes, relacionando-o com o **Maquiavelismo**, que, segundo ele, reincarnou no **Jesuitismo**. O **Voltaireianismo** conduziu, na sua opinião, a um estado de perfectibilidade social, em que a força do direito terá de prevalecer sobre o direito da força, porque a hora era de triunfo do Racionalismo positivista sobre a irracionalidade dos idealismos históricos. Voltaire foi para Teófilo, um pedagogo da Humanidade, que acabou definitivamente com o estatuto do escritor/bobo, dependente do mecenato régio, para fazer surgir o **Filósofo**, educador de príncipes interessados em governar, segundo os princípios da filosofia redentora, os povos esmagados pelas teocracias clericais.

Mal acabara a euforia centenarista, Manuel Martiniano Marrecas fez e publicou em 1880 uma conferência para, uma vez mais, desagrar Camões e aplicar a Voltaire um correctivo que, pela sua inépcia crítica, não chega a ser, nem correctivo, nem desagravo (77).

Por sua vez, Silva Cordeiro, um jovem académico do Primeiro Ano Jurídico, nos seus *Ensaio de Filosofia da História*, acrescenta algo de importante para este longo e animado debate:

“Lendas feudais, mitos religiosos, preconceitos dogmáticos — tudo isso se evaporou às bafuradas da sua crítica atrabiliária e mordaz. A credulidade e o dogmatismo ainda não perdoaram à sua memória a enorme estocada que ele lhes vibrou; e quando a França se levantou, num gesto de admiração homérica para saudar a memória centenária do Hércules demolidor das ideias velhas, não faltaram as apóstrofes virulentas da reacção contra aqueles que as feria de morte” (78).

A *Velhice do Padre Eterno* terá sido o clímax do **Voltaireianismo** português. Junqueiro situa-o na senda da Reforma luterana, designando-o como a “filoxera” que destruiu as velhas cepas da intolerância. A irreverência da linguagem e dos chascos é transparentemente voltairiana. A “Resposta ao Syllabus” é um grito lancinante contra o obscurantismo e o fanatismo dogmático. O sectarismo de Voltaire foi reassumido por Junqueiro. O poema **A Semana Santa** parece hesitar entre a admiração e a repulsa por Voltaire:

*“Pairava-lhe no lábio o riso fulminante
Com que outrora gravou nas crenças virginais,
Como num rico espelho a aresta dum diamante,
Tamanhas abjecções, sarcasmos tão brutais.*

/ ... /

*Tu minaste, Voltaire, infatigavelmente
O alicerce de bronze à velha sociedade.
Do teu riso cruel a onda dissolvente
Foi como os vagalhões, aríetes do Mar.*

/ ... /

Tu minaste, Voltaire, a rocha do despotismo / ... /

/ ... /

*Tu chegaste, Arouet, sem te tremer o braço
Ao rastilho da mina o fogo abrasador” (79).*

Luís de Magalhães, no seu artigo “Junqueiro”, corrigiu com mão certa os excessos do **Voltaireianismo**, nesta data já postigo e anacrónico, defendendo que a sátira voltairiana, do ponto de vista filosófico, não tinha razão de ser, porque o verdadeiro filósofo deve distinguir entre religião pura e charlatanismo sacerdotal dalguns dos seus agentes corrompidos, sobretudo em épocas de decadência religiosa, como a do fim do Século XVIII (80).

A História da Cultura faz-se dialecticamente num jogo de forças centrífugas e centrípetas a partir de valores económicos, religiosos e estéticos, que determinam e circunscrevem as antinomias individuais e colectivas do Ser, do Saber e do Poder. Pois, no mesmo ano em que foi dada à luz **A Velhice do Padre Eterno**, segunda encarnação do **Voltaireianismo** (81), saía do prelo a *Martireida*. Epígono seródio dum género, de que Hegel, muito tempo antes, tinha já profetizado o desaparecimento ou a transformação, a *Martireida* é um poema

em dez cantos, que se credencia como o último baluarte épico dum **Ultramontanismo** já gasto. É, sem o pretender, uma espécie de vingança do *Padre Eterno*, o avesso nevrótico do **Junqueirismo**. Belchior d’Azevedo, seu autor, acrescentou à galeria de retratos mais ou menos estereotipados de Voltaire, um quadro tétrico, que mais parece o do Adamastor:

*“Lá de Ferney num canto escuro e infausto
Concebeu a Heresia de Lutero
Um negregado drago temulento
De garras pavorosas, atos dentes
Com tromba semelhante à do elefante
E catadura fera e temerosa.
Chamaram-no “Voltaire” o monstro franco.
Amamentando ao peito d’atras Fúrias,
Fora seu pedagogo o vil “Ridículo!”
Sangue de Satanazes esquentado
Ihe circulava nas francesas veias” (82).*

Porta-voz de intolerâncias religiosas já ressecadas, o poetaastro de língua acerada, distorce frases de Voltaire, responsabiliza-o por outras que nunca escreveu, falseando o seu pensamento político e religioso, atingindo o zénite da **Voltairofobia** em Portugal. Idêntico ponto de vista foi sustentado, em 1887, por um jornalzinho dito católico, *A Caridade*, num artigo contra o **Filosofismo** (83), que traça uma biografia de Voltaire, que é outro exemplo aberrante da **Voltairofobia** portuguesa, que, inexplicavelmente, parece ter-se exacerbado no Fim de Século:

“Francisco Maria Arouet, cognominado Voltaire, foi tão mau cidadão como mau filho. Foi expulso da casa paterna, despedido da Holanda, esbofeteado por um cómico, castigado severamente por um militar, espancado por maltrapilhos, preso por duas vezes na Bastilha, desterrado de França ... O resto da vida de Voltaire corresponde aos seus princípios: é um longo tecido de devassidão, impiedade, vislisonjas aos grandes, hipocrisias, sacrilégios, e por fim uma horrível morte” (84).

Deste excurso histórico-cultural num período de longa duração, em que se verificaram grandes rupturas no tecido social europeu, a **Voltairomania** desempenhou no tempo do Iluminismo, do Romantismo, do Positivismo, do Republicanismo, do Socialismo utópico, o papel de agente e de reagente cultural na sociedade portuguesa, aglutinando, por um lado, as forças revolu-

cionárias, maçónicas e republicanas, que lutavam pela implantação duma intolerância universal, enquanto plataforma de acesso à sociabilidade humana, e, por outro lado, as forças da tradição absolutista e ultramontana que advogavam que a sociedade de Ordens era teologicamente superior à sociedade burguesa de classes, e viam no Liberalismo a trombeta do fim do mundo, que o mesmo era dizer do fim da Religião. Nesta permanente confrontação entre a **Voltairofilia** e a **Voltairofobia**, em que nada se perdeu e tudo se transformou, Voltaire foi quase sempre desfigurado, ou porque se sobreestimou ou subestimou o seu génio, ou porque se isolou o homem da obra, condenando aquele e elogiando esta, ou porque se condenaram ambos em bloco, ou porque se leu uma parte mínima da sua vastíssima produção literária, ou porque se leu em edições piratas e truncadas, ou porque se leram textos com o seu nome que ele nunca escreveu nem subscreveu; ou porque nunca se leu nada, mas se citam duas ou três frases suas descontextadas, ou ainda porque se leram as suas obras em traduções insulsas. Mais axiológica do que hermenêutica, a recepção de Voltaire, **partiale et partielle**, nunca se converteu em **escola voltairiana**, mas é um facto indesmentível que este **Dom Apuleius Risorius** ⁽⁸⁵⁾, que, com o seu riso ácido, corroeu alguns atavismos históricos, está na origem dum estado de espírito muito complexo — o **Voltairianismo** —, que representa um dos dinamismos fundamentais da Cultura ocidental, que não se esgotou nos Séculos XVIII e XIX, nem no tempo nem nos modos.

*"Il serait donc temps de se dégager de toute haine
comme de tout amour, mais non d'une admiration / ... / pour
ce prestigieux et éblouissant esprit, et de dire la vérité sur
sa personne, son monde, son siècle et son oeuvre" (86).*

FERREIRA DE BRITO
Universidade do Porto

NOTAS

- (1) POMEAU, René — *La Religion de Voltaire*, nouvelle édition revue et mise à jour, Paris, Nizet, 1986.
- É o estudo mais completo sobre a polémica questão da (i)religiosidade de Voltaire, visto por alguns autores, mesmo eclesiásticos, como o mais religioso e, por outros, como o mais irreligioso dos homens. A análise de René Pomeau, muito bem documentada, apresenta uma visão crítica correcta e equilibrada do problema.
- (2) DESFONTAINES, François Guyot — *La Voltairomanie, ou Lettre d'un jeune avocat, en forme de Mémoire. En réponse au Libelle du Sieur de Voltaire*, Paris, 12 décembre 1738.
- Ex-jesuíta, defensor acérrimo do gosto clássico, Desfontaines foi director do *Journal des Savants* e inimigo fidalgo de Voltaire, a quem chamou "pédant crasseux".
- (3) VOLTAIRE, Marie-François Arouet de — *Le Préservatif*, Paris, 1738. Este pequeno opúsculo é uma sátira violenta e moralmente baixa contra o Abbé Desfontaines.
- (4) LINGUET — *Examen impartial des Oeuvres de Monsieur de Voltaire*, Hambourg, chez J. G. Virchaux, 1784, p. 8.
- (5) LUCHET, Marquis de — *Histoire Littéraire de Monsieur de Voltaire*, t. I, A. Cassel, imprimé chez P. O. Hampe, 1780.
- (6) VOLTAIRE — "Affaires La Barre et Montbailli", in *Oeuvres Complètes de Voltaire* par Emile de Bédollière et Georges Avenel, tome cinquième, Paris, Aux bureaux du Siècle, 1866, p. 515.
- (7) Os habitualmente designados como precursores das Luzes e "Estrangeirados", tais como Bluteau, D. Luís da Cunha, Conde da Ericeira, Jean Baptiste da Silva, Jacob de Castro Sarmento, Francisco Xavier de Oliveira, Matias Aires, Verney, José Jacinto de Magalhães, Ribeiro Sanches, etc., abriram Portugal ao sopro ainda intermitente das Luzes estrangeiras, particularmente francesas, mas não foram, ao que se sabe, **Voltaireífilos**. Torna-se indispensável distinguir neste elenco entre admiradores do **espírito francês** e do **espírito Voltairiano**, que traduzem duas atitudes mentais muito diversas. Embora a *Henriqueida*, já composta em 1737, e só publicada em 1741, elogie o épico Voltaire, a semelhança com a *Henriade* é ao nível do título e não da estrutura poética. Veja-se sobre esta matéria os estudos de Ofélia Milheiro Caldas "*No alvorecer do Iluminismo em Portugal — D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira*", Coimbra, 1965, e de Silva Dias, *Portugal e a Cultura Europeia*, Coimbra, 1953, p. 105.
- (8) MARTINS, Coimbra — *Voltaire et la Culture Portugaise, exposition bibliographique et iconographique* du 17 juin au 5 juillet, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1969, p. 104.
- (9) GRAMOZA, José Pedro — *Sucessos de Portugal — Memórias Históricas Políticas e Cívicas, em que se descrevem os mais importantes sucessos ocorridos em Portugal desde 1742 até ao ano de 1804 extraída fielmente do original do Autor* por Francisco Maria dos Santos, Lisboa, Tip. do Diário da Manhã, 1882, p. 9. A carta está datada de 2 de Fevereiro de 1747.
- (10) GUSMÃO, Alexandre de — *Colecção de Vários Escritos inéditos políticos e literários de / ... /, Conselheiro do Conselho Ultramarino e Secretário Privado de El-Rei Dom João V que dá à luz José Maria Teixeira de Carvalho*, Porto, Tip. de Faria Guimarães, 1841, p. 246.
- (11) GUSMÃO, Alexandre de — "Notas à crítica que o Snr. Marquês de Valença fez à

Tragédia do Cid composta por Monsieur Corneille", in Jaime Cortesão, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid 1750*, Rio de Janeiro, Instituto Rio Branco, 1950, Parte II, tomo I, pp. 175-185.

Veja-se, a este propósito, o nosso estudo *Nas Origens do Teatro Francês em Portugal*, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989, pp. 57-64. Cf. ainda o artigo de Costa Pimpão intitulado "La Querelle du théâtre espagnol et du théâtre français au Portugal dans la première moitié du XVIII.e Siècle" in *Revista de História Literária de Portugal*, Coimbra, Instituto de Estudos Românicos D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, vol. I, Ano I, 1962.

(12) ALMEIDA, P.e Teodoro de — *Recreação Filosófica sobre a Filosofia Natural para instrução de pessoas curiosas, que não frequentaram as aulas*, Lisboa, Of. de Miguel Rodrigues, t. 1, 1751, p. 3.

(13) *Ibidem*, tomo IX, pp. 36-37.

(14) ALMEIDA, P.e Teodoro de — *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna ou Arte de viver contente*, Lisboa, Imprensa de Galhardo e Irmão, 1835, p. 29.

(15) *Ibidem*, Livro IV, p. 130.

(16) MELO, Francisco de Pina e de — *Triunfo da Religião — Poema Épico-Polémico que à Santidade do papa Benedicto XIV dedica / ... /, Moço Fidalgo de Sua Majestade Fidelíssima, e Académico da Academia Real de História Portuguesa*, Coimbra, of. de Simões Ferreira, Impressor da Universidade, 1756, pp. 33-34.

Pina e de Melo toma parte na polémica em torno da crítica de Voltaire aos *Lusíadas*, opinando a esse respeito:

"Não há Nação política, e católica, que pretenda negar esta glória à Lusitânia. E ainda assim se resolveu a dizer Mr. Voltaire no citado Ensaio da Épica que os Portugueses foram descobrir os mares Orientais, em primeiro lugar com o intento do comércio, e em segundo lugar com o do aumento da religião. Não sei se este conceito é por falta de conhecer a nossa História", p. LII.

(17) Podem ver-se outras referências a Voltaire nas páginas VI, XXI, XXII, XXIII, XXVIII e XXXIV.

(18) Sobre a figura deste Bispo, veja-se o nosso estudo *Cancioneiro de Escárnio e Mal-Dizer do Marquês de Pombal ou a Crónica Rimada da Viradeira*, Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 1990, pp. 140-163.

(19) *Sentença da Real Mesa Censória contra a pastoral manuscrita e datada de 8 de Novembro próximo passado, que o Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação espalhou clandestinamente pelos Párocos da Sua Diocese proferida no dia 23 de Dezembro de 1768*, Lisboa, na Of. de António Rodrigues Galhardo, 1768, p. 10.

(20) *Colecção de Editais que se têm publicado pela Real Mesa Censória erecta por El-Rei Fidelíssimo D. José I Nosso Senhor pelos quais proibe vários livros desde 10 de Junho de 1768 até dia 6 de Março de 1775*, Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica, ano de 1775.

(21) O *Dictionnaire Philosophique* foi queimado juntamente com os seguintes livros: *Analyse*, de Bayle, *Lettres Turques*, *Oeuvres Philosophiques*, de La Metrie, *Recueil Nécéssaire e Recherches sur l'origine du Despotisme Oriental*. O "auto-de-fé" fez-se em 6 de Outubro de 1770.

(22) *Catálogo de livros defesos neste reino, desde o dia da criação da Real Mesa Censória até ao presente para servir no expediente da casa da revisão (1766-1814)*, colecção da Real Mesa Censória, Livro 811 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

(23) Citado por António Alberto de Andrade in *Verney e a Cultura do seu Tempo*, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1966, p. 363.

As referências que este ensaísta faz a Voltaire, embora, sumárias, são muito pertinentes. Ironia da História, uma das críticas que Pereira de Figueiredo formulava a Voltaire era a de que "todas as suas obras e especificamente a sua Carta ao P. de la Tour, estão cheias de Elogios da Companhia denominada de Jesus e de desculpas dos seus péssimos casuístas". Cf. pp. 362-363. Inimigo e vítima dos Jesuítas, Pereira de Figueiredo não compreendeu o anti-jesuitismo sarcástico de Voltaire, que, aluno dos Jesuítas e seu adversário terrível, não levou a sua intolerância ao ponto de não distinguir afectivamente algumas das suas figuras mais prestigiadas com quem conviveu e aprendeu. Pereira de Figueiredo constata que era Voltaire "o autor que ordinariamente anda nas mãos da mocidade Portuguesa, e o que forma o gosto e a base dos seus primeiros estudos" Cf. p. 402. O exagero é evidente.

(24) *Ibidem*, p. 363.

(25) FIGUEIREDO, Manuel de — *Teatro*, Lisboa, Imprensa Régia, 1804-1815, 13 tomos. O nome de Voltaire assoma em quase todos os volumes, sempre invocado no domínio da preceptística dramática.

(26) *O Arrependimento ou Confissão Pública de Voltaire* dedicado ao Il.mo e Ex.mo Senhor João d'Almada e Melo, Tenente General dos Exércitos de Sua Majestade Fidelíssima, Governador da Cidade do Porto e Regedor das Justiças por um Anónimo, Porto, na of. de António Álvares Ribeiro, 1775, com licença da Real Mesa Censória.

Trata-se da tradução do opúsculo *Le Repentir ou Confession publique de Mr de Voltaire*, publicado em Lausanne, em 1771. A versão portuguesa contém um prefácio e uma dedicatória que não constam do original.

(27) *Ibidem*, página não numerada, em "Leitor benévolo".

(28) MAYNE, José — *Dissertação sobre a imortalidade da alma racional*, Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica, 1778, com licença da Real Mesa Censória.

(29) LIMA, João António Bezerra de — *Discurso sobre o uso da Crítica* recitado no último de Julho de 1766 no Real Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, na Real Oficina da Universidade, 1778, com licença da Real Mesa Censória.

Na globalidade, a crítica de Bezerra de Lima a Voltaire é bastante comedida, reconhecendo a sua universalidade, que, por outro lado, não deixa de lamentar, pelas ideias subversivas que veicula. Cf. p. 18.

(30) CUNHA, José Anastácio da — *Notícias de Portugal*, trad., prefácio e notas de Joel Serrão, Lisboa, Biblioteca do Século XVIII, Seara Nova, 1966, p. 20, nota 14.

(31) CUNHA, Doutor José Anastácio da — *Composições Poéticas do / ... /*, natural de Lisboa, Lente de Matemática na Universidade de Coimbra, falecido no ano de 1787, agora coligidas pela primeira vez, Lisboa, na Tip. Carvalhense, 1839, Epístola I, p. 115.

(32) *Ibidem*, p. 129.

(33) A chave de ouro deste Poema é duma rara beleza, patenteando que o racionalismo voltairiano tinha brechas que deixavam antever os effúvios eternos do coração que os Românti-

cos haveriam de explorar até à "sensiblerie".

(34) "A Religião Cristã demonstrada pela Razão ao Autor da Voz da razão" in *Composições Poéticas do Doutor José Anastácio da Cunha, op. cit.*, pp. 189-190.

(35) Anónimo — *Cartas de uma Mãe a seu Filho pelas quais lhe prova a Verdade da Religião Cristã*, T. I, Lisboa, na of. de António Gomes, 1787.

À primeira vista redigido por uma mulher, a suposta Autora escreve a propósito de Voltaire:

"Não vemos nós todos os dias que a feminina mocidade ocupada primeiro que tudo nas modas e ornatos do colo e peito, falam a linguagem dos novos Filósofos? Não as observamos com a cabeça cheia de princípios de Voltaire e de Rousseau, expô-los com um tom resolutivo e declarado? Não presenciamos também os aplausos com que são ouvidas?". Cf. Verney e a Cultura do seu Tempo, op. cit., p. 402.

(36) ELÍSIO, Filinto — *Obras*, nova edição, Lisboa, Tip. Rolandiana, 1836, pp. 193-194.

(37) Filinto Elísio traduziu *Zadig* em Portugal, antes da sua fuga para França. Numa estimativa geral, a tradução é fiel, embora com algumas alterações que o ainda presbítero Manuel do Nascimento a si mesmo se impusera para evitar maiores incómodos.

(38) Códice 569 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, folha 143.

(39) ANÓNIMO — *O Filósofo Solitário*, T. I, Lisboa, 3 tomos, na Oficina Tipográfica, 1787. Foi feita nova edição desta obra num só volume em 1824, na of. de J. F. Monteiro de Campos.

Esta obra suscitou uma viva polémica no século XVIII. Veja-se *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, tomo II, pp. 305-307. Veja-se também *Verney e a Cultura do seu tempo, op. cit.*, pp. 403-404.

Uma parte do manuscrito original encontra-se na B. P. M. do Porto, com o parecer da Real Mesa Censória. Cf. Códice 570.

(40) Cf. *Dicionário Bibliográfico Português*, T. II, pp. 305-306.

(41) BRITO, Ferreira de — *Revolução Francesa — Emigração e Contra-Revolução*, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989.

Veja-se também Daniel Mornet — *Les origines intellectuelles de la Révolution française 1715-1787*, Lyon, La Manufacture, 1989, que acentua a importância do Filosofismo na génese da Revolução de França.

(42) DEFOURNEAU, Marcelin — *Pablo de Olavide ou L'Afrancesado (1725-1803)*, Paris, P. U. F., 1959.

Na Biblioteca particular de Pablo de Olavida, contavam-se entre 1800 e 2000 livros franceses. Pablo foi um iluminado, um admirador de Voltaire, mas não um Voltairiano no sentido mais pleno da palavra. Por outro lado, se admirou Voltaire, nunca foi um revolucionário jacobino. Vítima dos Jesuítas e da Inquisição, reconvertido dos seus pecadilhos ideológicos, deles se penitenciou no seu *Evangelio en Triunfo*, em que reprova formalmente o Voltairianismo. Cf. ut supra, pp. 457-459.

(43) GOMES, Francisco Dias — *Obras Poéticas de / ... /* mandadas publicar por ordem da Academia R. das Ciências a benefício da viúva do Autor, Lisboa, na Tip. da Academia Real das Ciências, 1799.

A Elegia X começa com o seguinte terceto a Voltaire:

*"Já se extinguiu enfim a luz sublime,
A luz que o mundo tanto iluminava,
Que inda agora a ignorância abate, e oprime". Cf. p. 121.*

É, de facto, uma das grandes contradições culturais deste período que a Academia Real das Ciências, quando o processo revolucionário francês estava a caminhar para o seu clímax e as autoridades policiais procuravam reprimir todas as notícias revolucionárias montando um cerco apertado a tudo o que provinha de França, tenha patrocinado a publicação desta Elegia de endeusamento de Voltaire. O que demonstra sobejamente que o cerco ao **Filosofismo** era poroso e permitia um normal desenvolvimento da **Voltaireomania**.

(44) *Voltaire et la Culture Portugaise, op. cit.*

A partir deste Catálogo, foi elaborada a *Provisional Bibliographie of Portuguese editions of Voltaire by Theodore Besterman, offprint from Studies on Voltaire and the eighteenth century, LXXVI, Genève, 1970.*

(45) Veja-se a este propósito *Revolução Francesa — Emigração e Contra-Revolução, op. cit., pp. 49-52.*

Fora de França, distinguiram-se na elaboração da teoria da Contra-Revolução Edmund Burke, Mallet de Pan, Rehberg e Gentz.

(46) BARRUEL, Abbé — *Abrégé des Mémoires pour servir à l'Histoire du Jacobinisme*, Hambourg, chez P. Fauche, Libraire, 1800.

(47) MACEDO, José Agostinho de — *Motim Literário em forma de Solilóquio*, 3.^a edição, aumentada e acrescentada com a biografia do Autor, um catálogo das suas obras, e o juízo crítico delas por António Maria do Couto, T. I, Lisboa, na tip. de António José Rocha, 1841, p. 17.

A 1.^a edição em 4 volumes data de 1811.

A diatribe anti-voltairiana encontra-se em quase todos os escritos deste polemista envinagrado, que leu Voltaire, mas tresleu na sua crítica impiedosa de caceteiro das Letras. Macedo ataca sobretudo os "meninos mondegustas" ou sejam os coimbrãos, a quem chama "gente leve", p. 127.

(48) *Ibidem*, p. 129.

(49) *Os Frades julgados no Tribunal da Razão*, obra póstuma do Frei Doutor Conimbricense, Lisboa, na Imprensa Régia, 1814.

Inocêncio informa que esta obra deve ter sido composta em 1791 e é seu presumível autor Frei João Baptista, religioso agostinho calçado. Desta obra foram feitos 2 mil exemplares. Cf. *Dicionário Bibliográfico Português*, t. II, p. 316.

(50) LARRAGA, Francisco — *Prontuário de teologia Moral* composto pelo P. M. F. / ... / e agora ultimamente acabado de reformar, acrescentar, e reduzir, a melhor método, ordem e conexão de Doutrinas em todos os Tratados, e Matérias por D. Francisco Santos e Grosin, traduzido do original castelhano em 4 tomos, na Imprensa Régia, 1817, com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

(51) LOBO, Francisco Alexandre — *Obras de / ... /, Bispo de Viseu*, 3 tomos. Lisboa, tip. de Baptista Morando, 1848, 1849 e 1853, respectivamente. Cf. T. I, p. 311.

(52) *Ibidem*, p. 12.

(53) *Ibidem*, pp. 312-313.

(54) *Ibidem*, p. 314.

Francisco Alexandre Lobo tomou igualmente parte na querela dos *Lusiadas*, comparando-os com a *Henriade*:

"E se quisermos olhar a Henriade de Voltaire como merecedora de se nomear com as Epopeias antecedentes (ao que farei alguma, posto que não muito porfiada, repugnância) direi que o Poema Francês tem menos imperfeições do que os Lusiadas; mas que não é para comparar com eles no ar majestoso e venerando, nos traços de formosura antiga, no cunho clássico, que eles até excedem a mesma Gerusalem".

Cf. "Memória Histórica e Crítica acerca de Luís de Camões" in *História e Memórias da Academia Real das Ciências*, Lisboa, na tipografia da mesma Academia, 1821, tomo VI, pp. 158-159; ver especialmente pp. 278-279.

(55) *O Defensor da Religião em disputa com Incrédulos*, Lisboa, Tip. de P. B. C. da Cunha, 1836, Disputa V, p. 202.

(56) Códice da Biblioteca da Congregação do Oratório de Braga, folhas 197-198.

Facultou-nos fotocópia integral deste Códice o Professor Eugénio Francisco dos Santos, a quem exprimimos aqui o nosso mais vivo reconhecimento. Veja-se o seu estudo *O Oratório no Norte de Portugal — Contribuição para o estudo da história religiosa e social*, Porto, INIC, 1982.

(57) *Ibidem*, folha 198.

(58) HERCULANO, Alexandre — *Opúsculos*, tomo IX, p. 52.

(59) HUGO, Victor — *William Shakespeare*, Troisième Partie, I, 1, Cercle Français du Livre, vol. XII, pp. 295-296.

(60) MUSSET, Alfred — *Poésies Complètes*, Paris, Pléiade, texte annoté par Maurice Allen, 1939. Cf. poema "Rolla", p. 29.

(61) MENDONÇA, Lopes de — *Ensaio de Crítica e Literatura*, Lisboa, Tip. da Revolução de Setembro, 1849.

(62) MENDONÇA, Lopes de — *Memórias de Literatura Contemporânea*, Lisboa, Tip. do Panorama, 1855.

(63) *Ibidem*, p. 5.

(64) FERREIRA, Andrade — "Os Filósofos da Época e a Poesia do Cristianismo" in *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, Lisboa, Tip. do Futuro, Primeiro Ano, 1 de Abril de 1859, p. 102.

(65) *Ibidem*, p. 103.

(66) *Oração Fúnebre* que nas Exéquias, que a Ex.ma Câmara Municipal de Lisboa fez celebrar por ocasião da trasladação dos ossos de Francisco Manoel (Filinto Elísio) para o

cemitério do Alto de São João no dia 19 de Junho de 1856, recitou o Doutor Francisco António Rodrigues de Azevedo, Lente Catedrático de Teologia na Universidade de Coimbra, Lisboa, Tip. Universal, 1856, p. 4.

(67) *Ibidem*, p. 8.

(68) *Oração Sagrada* que por ocasião do Juramento dos Lentes na real Capela da Universidade no dia 1 de Outubro de 1870 pregou o Dr. Francisco António Rodrigues de Azevedo, Lente de Prima de Teologia na mesma Universidade, 1870, p. 7.

(69) *Sermão* celebrando o faustosíssimo dia do XXVI aniversário da gloriosa coroação do N. SS. Padre Pio IX, o Grande, pregado na paroquial Igreja de Nossa Senhora dos Mártires pelo P.e Joaquim da Silva Serrano, Prior de Belas, Lisboa, Tip. Universal, 1872, p. 13.

(70) VIVA, José Gonçalves da Cruz — *A mais imparcial e mais exacta Biografia de Voltaire* com oitenta e quatro notas, trabalho de / ... /, Porto, Tip. de Sebastião José Pereira, 1862, p. 4.

Cruz Viva foi Professor do Liceu de Faro e Cónego, sendo também autor de *Folhetins, Variedades e Devaneios*, assinados com o pseudónimo de Abdiel o Algarvio, Lisboa, Tip. Universal, 1876, em 3 volumes.

(71) VIANA, Pedro de Amorim — *Defesa do Racionalismo. A Razão e a Fé*, Porto, tip. de F. G. da Fonseca, 1866, p. 48.

(72) *Ibidem*.

(73) COUTO, P.e Manuel José Gonçalves do — *Missão Abreviada / ... /*, décima edição melhorada, Porto, Tip. de Sebastião José Pereira, 1876, p. 5.

(74) *Ibidem*, Quarta Parte, cap. 30, p. 541.

(75) CHAGAS, Pinheiro — "O Centenário de Voltaire" in *Ocidente*, vol. I, I ano, n.º 12, 15 de Junho de 1878, p. 91.

(76) BRAGA, Teófilo — "Conferência pública para celebrar o primeiro centenário de Voltaire no Grémio Operário de Lisboa em 30 de Maio de 1878" in *O Positivismo*, 1879, pp. 325-349. Cf. especialmente a pág. 326.

(77) MARRECCAS, Manuel Martiniano — *Conferência sobre Camões / ... /*, Lisboa, tip. de Ximene Leopoldo Correia, 1880.

(78) CORDEIRO, Joaquim António da Silva — *Ensaios de Filosofia da História*, vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1882, p. 231.

(79) JUNQUEIRO, Guerra — *A Velhice do Padre Eterno*, 1.ª edição, Editores Alvarim Pimenta e Joaquim Antunes Leitão, Porto, 1885, pp. 59-62.

(80) MAGALHÃES, Luís de — "Junqueiro" in *Ocidente*, 1885, p. 188.

(81) *Ibidem*.

(82) AZEVEDO, Joaquim Belchior d' — *A Martireida — Poema em dez Cantos*, Porto, Editor José da Costa Valbom, 1885, p. 297.

(83) "Voltaire e Rousseau" in *A Caridade, Publicação Instrutiva, Moralizadora e Piedosa sobre Religião, Ciência e Literatura*, 15 de Agosto de 1887, com continuado em 31 de Agosto do mesmo ano.

O artigo não está assinado e, embora o seu autor prometa continuar, deixou-o inconcluso.

(84) *Ibidem*, 15 de Agosto de 1887, p. 87.

(85) Veja-se "Préface de Dom Apuleius Risorius" in *Oeuvres Complètes de Voltaire avec des notes et une notice sur la vie de Voltaire*, t. II, Paris, chez Firmin Didot Frères, 1862, p. 38.

(86) DESFONTAINE, Gustave — *La Jeunesse de Voltaire*, Paris, Didier, 1871, préface, p. 1.